

O mundo é o limite

Henrique Gomes Batista, Aguinaldo Novo e Danielle Nogueira

No pós-crise, múltiplas brasileiras devem investir US\$ 20 bi no exterior este ano, perto de recorde

Passado o pior da crise financeira global, o ano de 2010 deve marcar a retomada de um forte crescimento dos investimentos brasileiros no exterior. Analistas preveem que as multinacionais verde-amarelas devem destinar perto de US\$ 20 bilhões a outros países este ano, retomando aos níveis pré-crise e encostando no valor recorde de 2008. Com isso, o estoque de investimentos brasileiros no exterior pode chegar, no fim de 2010, a US\$ 200 bilhões, quatro vezes mais que há dez anos: em 2000, eram apenas US\$ 51,9 bilhões, segundo a Sobeet, entidade que reúne empresas transnacionais.

São empresas de diferentes setores que, além de retomar planos de expansão temporariamente suspensos durante a crise em 2009, o saldo líquido de investimentos brasileiros no exterior ficou negativo em US\$ 10 bilhões vão aproveitar oportunidades que surgiram com a recessão global. E as primeiras estatísticas de 2010 confirmam essa previsão: até o dia 22 de fevereiro, foram US\$ 4,284 bilhões em investimentos brasileiros no exterior.

Luís Afonso Lima, presidente da Sobeet, estima que o ano pode fechar com investimentos entre US\$ 15 bilhões e US\$ 20 bilhões.

Se a projeção se confirmar, será o segundo melhor resultado dos últimos dez anos, perdendo apenas para 2008, quando foram R\$ 20,457 bilhões em 2006, os aportes do Brasil no exterior somaram R\$ 28,202 bilhões mas foram inflados por uma única operação, a compra da canadense Inco pela Vale, por cerca de US\$ 17 bilhões.

Em condições desfavoráveis, o investimento externo foi sacrificado. Mas foi uma parada tática, não estratégica — afirmou.

Ele acredita que este processo é irreversível e lembra, inclusive, que o Brasil está atrasado em relação a outros países em desenvolvimento, como a Coreia do Sul, que já possui grandes marcas globais, como Samsung, LG e Hyundai.

Para o professor Álvaro Cyrino, da Fundação Dom Cabral, a retomada ainda não será com a força que se via antes da crise. Na sua opinião, neste ano as empresas vão comprar mais por oportunidades, já que a recuperação da crise nos países desenvolvidos ainda é débil. Segundo ele, uma das exceções serão as corporações do setor de alimentos menos afetado com a crise e de commodities, favorecidos pelo aquecimento chinês: Os investimentos no exterior vão voltar, mas serão mais seletivos que no passado.

Cimpor foi alvo de disputa por gigantes nacionais

A recente disputa pela cimenteira portuguesa Cimpor é o melhor exemplo do apetite das empresas brasileiras por ativos no exterior e da busca por oportunidades no pós-crise.

A Cimpor foi alvo de uma briga entre Votorantim, Camargo Corrêa e CSN. As duas primeiras acabaram comprando, respectivamente, 21,2% e 31,2% das ações da empresa no mês passado. Assim, o grupo Votorantim ampliará sua atuação de 18 para 30 nações.

Algumas empresas aproveitaram a “liquidação” de ativos pela crise para ir às compras.

É o caso da mineradora Vale que, em janeiro de 2009, comprou minas de potássio da Rio Tinto na Argentina. Orçado em US\$ 4,1 bilhões, o projeto deve entrar em operação em 2013, com produção de 4,35 milhões de toneladas por ano.

Maior petroquímica das Américas, a Braskem também tirou proveito da crise. Quando entrou na disputa para a construção de um polo industrial no México, com início de produção para 2015, a companhia era uma entre os 28 interessados no projeto. Destes, 18 desistiram logo

após a eclosão da crise e, no fim, só ficaram o grupo mexicano Idesa e a Braskem para comandar um investimento conjunto de US\$ 2,5 bilhões.

Enquanto as pessoas viram crise, nós enxergamos oportunidades — afirmou o presidente da Braskem, Bernardo Gradin.

A Braskem estima em US\$ 3,45 bilhões os investimentos que deverão ser feitos no exterior até 2016. Com isso, a empresa quer dobrar a capacidade total de produção, hoje de cerca de cinco milhões de toneladas de resinas por ano. A Braskem arrematou também o controle da americana Sunoco e estuda projetos no Peru e Venezuela.

Na mesma linha está a Natura, que já possui cerca de 160 mil consultoras de vendas no exterior, contra 38 mil em 2005, e quase 1.400 funcionários em Argentina, Chile, Peru, Colômbia, México e França. Em 2009, a receita líquida em moeda local nas operações no exterior cresceu 42,1%.

Dois movimentos recentes mostram o interesse da companhia em avançar nesse processo.

Em janeiro, o escritório em Buenos Aires ganhou o status de quartel-general da Natura na América Latina, tarefa antes centralizada no Brasil.

O outro movimento tem a ver com a logística das vendas. Hoje, todos os produtos vendidos lá fora são produzidos na unidade de Cajamar, na grande São Paulo. A empresa estuda agora ter fábricas próprias ou produzir através de terceiros em outros países. Para o presidente da Natura, Alessandro Carlucci, não faz mais sentido manter um modelo que obriga a empresa a exportar xampu do Brasil para o México, por exemplo.

Já na Gerdau, o processo será, de certa forma, inverso: 80% dos R\$ 9,5 bilhões que a empresa investirá nos próximos cinco anos será em terra brasileira. Isso, contudo, não significa que a firma está abandonando sua internacionalização: como hoje mais da metade de seu faturamento vem do exterior, o grupo quer aproveitar as oportunidades de crescimento que surgirão no país na próxima década.

O AVANÇO DAS COMPANHIAS LÁ FORA

RESULTADO LÍQUIDO

Em US\$ bilhões



Influenciado pela compra da Inco pela Vale, por cerca de US\$ 17 bilhões

15 a 20
Projeção

4,284
Até 22 de fevereiro

EVOLUÇÃO DO ESTOQUE DE INVESTIMENTOS BRASILEIROS NO EXTERIOR

Em US\$ bilhões



Refinaria da Sunoco na Filadélfia, Estados Unidos, empresa recém-adquirida pela brasileira Braskem por US\$ 350 milhões

FONTE: Sobeet e Fundação Dom Cabral

ALGUNS EXEMPLOS DE EMPRESAS BRASILEIRAS COM FORTE PRESENÇA NO EXTERIOR



- Presente em 14 países.
- Em 2009, as operações nos EUA e Canadá responderam por 28% do faturamento bruto. A América Latina respondeu por outros 11%. E a unidade de aços especiais, com operações no Brasil e no exterior, ficou com 18%.

ODEBRECHT

- Tem operações em 16 países e representações comerciais em outros três.
- Quase metade dos funcionários trabalha no exterior
- Em 2009, o mercado externo representou 47% do faturamento do grupo. Em 2000, o percentual era de 31%.

Braskem

- Anunciou no início do ano a compra da americana Sunoco Chemicals, por US\$ 350 milhões
- Tem projetos em andamento em Peru, México e Venezuela
- Os investimentos nos projetos fora do Brasil são estimados em US\$ 3,45 bilhões entre cinco e seis anos



- Está presente em 33 países
- Dos 60.036 funcionários da empresa, 14.426 trabalham fora do Brasil
- Em 2009, 84,7% da receita de US\$ 23,939 bilhões vieram do exterior



Votorantim

- Após a aquisição de participação na cimenteira portuguesa Cimpor, mês passado, passou a atuar em 30 países.



natura

- Atua em países como Argentina, Chile, França e Colômbia
- Em 2009, o número de consultoras no exterior era 159 mil, de um total de um milhão
- A participação das operações internacionais passou de 5,9% das receitas totais, em 2008, para 6,9% em 2009

FONTE: empresas

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 5 mar. 2010, Economia, p. 29.